

**TITULO: O INDIVÍDUO SOBRE TRÊS PERSPECTIVAS DIFERENTES, E NOS
LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II.**

ALUNO: DIOGO LUCAS OLIVEIRA MACHADO

OURINHOS

2018

O INDIVÍDUO SOBRE TRÊS PERSPECTIVAS DIFERENTES, E NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II.

Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia na Universidade Estadual Paulista (Unesp), Campus Experimental de Ourinhos, sobre o indivíduo nos livros didáticos do Ensino Fundamental II, Geografia Crítica.

Orientador: Prof. Dr. Amir El Hakim De Paula

Ourinhos
2018

M149i Machado, Diogo Lucas Oliveira
O indivíduo sobre três perspectivas diferentes, e nos livros didáticos do ensino fundamental II. / Diogo Lucas Oliveira Machado. -- Ourinhos, 2018
51 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Geografia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Câmpus Experimental de Ourinhos, Ourinhos
Orientador: Amir El Hakim De Paula

1. Geografia Crítica. 2. Escola Austríaca. 3. Indivíduo. 4. Ação humana. 5. Escola Anarquista. I.

Título

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca do Câmpus Experimental de Ourinhos. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Dedico esse TCC ao meu pai João Francisco Machado Netto,
um exemplo de vida e liberdade, que desejava assistir seu filho
formar-se, porém faleceu dia 10/10/2018.

AGRADECIMENTOS

Ao orientador, Prof. Dr. Amir El Hakim De Paula pelo empenho dedicado a elaboração deste trabalho.

À Karin Leonardo que me auxiliou na formatação do TCC e a todos da Biblioteca pelo carinhoso apoio.

À Profa. Dra. Cristiane Dambrós, que me ajudou durante todo esse ano.

À minha família pelo valoroso apoio, por parte do meu irmão, mãe e padrasto que sempre se mostraram presentes.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“A menor minoria na Terra é o indivíduo. Aqueles que negam os direitos individuais não podem se dizer defensores das minorias”.

America's persecuted minority: big business - Página 15, de Ayn Rand - Publicado por Nathaniel Branden Institute, 1962.

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
INTRODUÇÃO.....	8
1- OBJETIVOS.....	12
2 - QUESTÕES DE PESQUISA.....	12
3- JUSTIFICATIVA.....	13
4- METODOLOGIA.....	15
5- DISCUSSÃO.....	16
5.1- AXIOMA.....	17
5.2 - ESCOLAS DE PENSAMENTO.....	18
5.2.1 - A GEOGRAFIA CRÍTICA.....	18
5.2.2 - A GEOGRAFIA ANARQUISTA.....	21
5.2.3 - ESCOLA AUSTRIACA.....	23
5.2.3.1 - PRAXEOLOGIA.....	25
5.3 - O QUE É O INDIVÍDUO?	27
5.3.1 - O INDIVÍDUO NA ESCOLA MARXISTA.....	27
5.3.2 - O INDIVÍDUO NA ESCOLA ANARQUISTA.....	28
5.3.3 - O INDIVÍDUO NA ESCOLA AUSTRIACA.....	29
6 - LIVRO DITATICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II.....	32
6.1 - 6º ANO.....	32
6.2 - 7º ANO.....	33
6.3 - 8º ANO... ..	35
6.4 - 9º ANO.....	38

7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
8- REFERÊNCIAS.....	42
9- ANEXO.....	45

RESUMO

O indivíduo está na base axiomática para muitas ciências e escolas de pensamento, principalmente quando tratam de ação humana, e defini-lo traz sempre um debate. Esse debate vai estar nessa pesquisa através do indivíduo para a escola marxista, anarquista e escola austríaca, suas diferentes visões e no que elas implicam para o conhecimento e abordagem. O resultado desse debate é uma visão coletivista ou individualista, e qual dessas visões interessa ao Estado e que ele vai utilizar nos currículos?

A escola é muito importante na vida do indivíduo, que fica anos de sua vida submisso a currículos elaborados por governos, e a geografia enquanto disciplina também trata do indivíduo com temas que envolvem a ação humana, e com o crescimento da geografia crítica nas últimas décadas, como o indivíduo vai ser proferido, debatido e analisado nos livros didáticos por ela produzida?

Palavras-chave: Geografia Crítica. Indivíduo. Ação humana. Escola Austríaca.

ABSTRACT

The individual is on the axiomatic basis for many sciences and schools of thought, especially when dealing with human action, and defining it always brings a debate. This debate will be in this research through the individual for the Marxist school, anarchist and Austrian school, their different views and what they imply for knowledge and approach. The result of this debate is a collectivist or individualistic view, and which of these visions interests the state and what will it use in the curricula?

The school is very important in the life of the individual, who stays years of his life submissive to curricula elaborated by governments, and the geography as discipline also treats the individual with subjects that involve the human action, and with the growth of the critical geography in the last decades , how the individual will be uttered, debated and analyzed of the critical geography and in the didactic books produced by it? In this research we will analyze and discuss about the individual in the textbook of elementary education II, and where is the "I" in geography?

Keywords: Critical Geography. Individual. Human Action. Austrian School.

INTRODUÇÃO

O indivíduo está na base axiomática para muitas ciências e escolas de pensamento, principalmente quando tratam de ação humana, e defini-lo traz sempre um debate. Esse debate tende a trazer diferentes posições e correntes teóricas, porém temos duas correntes clássicas: o individualismo e o coletivismo. A discussão entre indivíduo e coletivo, ou indivíduo e sociedade sempre gerou muitos debates e tem grande importância, o indivíduo e o coletivo geram um debate epistêmico, semântico e de princípios, que dependendo das definições adotadas, os caminhos são opostos. Esses conceitos podem se relacionar de formas diferentes, podendo um se sobressair ao outro.

As ideologias e projetos políticos trazem resultados e interesses diferentes. Hoje esse debate fica explicitado em discussões entre projetos políticos marxistas (coletivistas) e projetos liberais/libertários (individualistas). Rothbard (2012, pag. 16 e 17) no livro Anatomia do Estado afirma que o poder do Estado é ideológico e tem muitos meios para controlar as ideias vigentes na sociedade e implantar as que lhe interessam. Um desses meios é a Escola moderna, o que o mesmo autor chama de aliança entre o Estado e os intelectuais. Os geógrafos não fogem disso. Quando a geografia estava se modernizando as escolas de pensamento tinham funções para o Estado moderno que estava se organizando com projetos imperialistas.

Como diz MOREIRA, (1994, pag. 21) “O Estado necessitava de uma geografia que fornecesse uma política espacial [...] o papel da geografia é o de viabilizar a expansão colonial”.

A geografia enquanto ciência sempre teve muito interesse do Estado, inclusive para afirma-lo e até mesmo construir um projeto de nação. Uma das discussões mais importante é sobre os conceitos de território e região, território para afirmar aquilo que é do Estado e região para dar um caráter de homogeneidade do espaço, por tanto um espaço homogêneo é um espaço em que os indivíduos se sentem parte de algo maior. Já durante o começo até a metade do século vinte, acompanhasse a ascendência da geografia positivista com viés quantitativo, que buscava a efetividade, essa “efetividade” foi também utilizada pelo estado com os interesses das grandes empresas, o que gerou um certo corporativismo, a instrumentalização do estado para as elites e portanto a instrumentalização das ciências (inclusive a geografia), gerou reações críticas, dessas reações surgem escolas de pensamento e paradigmas novos. Hoje a geografia tem como ideias mais influentes as de cunho marxista com o nome de geografia crítica, uma geografia que pensa mais na sociedade e suas contradições e lutas, portanto ideias coletivistas.

Mas o que podemos considerar como geografia crítica? Vesentini (2009 pag. 124 e 125) demonstra que o termo geografia crítica já foi muito discutido e tem algumas controvérsias: os próprios geógrafos críticos às vezes fazem o papel de “meramente ser um terrorista intelectual ou um incendiário” fazendo a crítica pela crítica não mais no sentido que KANT (1983) deu a palavra, mas mesmo com os equívocos que podem ser cometidos pelos geógrafos ao utilizar o Marxismo e a crítica de forma radical chegando a criar teses conspiracionista e sem fundamento. Vesentini (2009 pág.40) não abandona o termo geografia crítica e propõe que o

Trabalho da geografia crítica consiste em exprimir as desigualdades e convencer as pessoas do poder sobre suas prováveis

repercussões, além de participar ativamente na criação de novas formas de organização social e econômicas. Em poucas palavras, devemos reconhecer o mal estar de nossa sociedade, adotar uma postura autoreflexiva frente a ela e atuar como psicanalistas da situação da qual fazemos parte.

A geografia crítica ganhou muita representação e discussão na academia no Brasil a partir do final da década de 1970, com autores como Milton Santos e Yves Lacoste, e esse desenvolvimento dela não ficou somente na academia, era visível o mal estar da sociedade e essa geografia veio para tentar explica-la e até mesmo propor soluções.

Com a advento do projeto político do Partido dos Trabalhadores e dos demais partidos de esquerda que voltaram a ter espaço formal no cenário político após o regime militar, muitos intelectuais voltaram do exílio, onde lá observaram os debates que estavam sendo feitos no universo acadêmico, quando foram “anistiados” trouxeram novas ideias e ganharam notoriedade, nesse processo a geografia crítica começa a entrar nas escolas através de professores e livros didáticos, sendo um deles o livro do Professor Dr. José William Vesentini, Brasil: Sociedade e Espaço, publicado em 1984.

Essa ruptura de pensamento, do positivismo à geografia crítica pode ter sido muito valiosa e importante à época por vários motivos, porém é bom refletir que as ocasionalmente em mudanças abruptas e até mesmo enviesadas politicamente, pode-se sacrificar ou ocultar, princípios, meios, conteúdos e conceitos muito importantes.

O universo que a geografia abrange e estuda é muito amplo e com a amplitude de conceitos trabalhados na geografia, o indivíduo também está na geografia humana, mas muitas vezes pode estar escondido ou submisso ao coletivo e seus interesses, justamente pela visão do *establishment*, que chega às escolas. Justamente em um estágio que o indivíduo está em formação, a criança que está estudando também está

se desenvolvendo e construindo sua personalidade ou seja a construção da identidade está surgindo durante esse período.

A geografia crítica por ser o atual paradigma da geografia, é a mais influente na academia e isso reflete nas escolas nos conteúdos estudados pelos alunos, porém existem outras escolas de pensamento, que vão naturalmente ter diferentes concepções conceituais e semânticas, inclusive para o conceito de indivíduo, e é sobre esse debate que o TCC se aprofundará.

As demais escolas de pensamento serão a escola anarquista, que na pesquisa levantei as questões de como ela tentou se estabelecer, quais são suas ideias centrais como ela trata o indivíduo e o que aconteceu com ela no meio acadêmico, e por fim levantei a hipótese que a escola austríaca pode contribuir para a geografia, como ela pode se estabelecer, o que pode acontecer com ela. Porque é bom pensar que as escolas de pensamento tem correntes diferentes e são mutáveis, e os meios que elas tem para entrar no debate devem ser levados em conta, pois hoje temos redes sociais e livros em e-books que facilita a divulgação de ideias, porém no começo do século anterior o meio era, os livros e os professores com suas formações, com isso não estou afirmando que o professor é um indivíduo apático e refém de sua formação, porém os meios de debate e do espaço de convivência influi muito no ser, outro contra-argumento que quero logo rebater, é que o estado por mais que controle os conteúdos, os professores ainda tem sua liberdade de cátedra e os alunos tem também sua autonomia de pensar, confirmo ambas proposições, porém de nada vale a liberdade de cátedra do professor se ele for um militante orgânico do estado, e não um estimulador do conhecimento

1- OBJETIVOS

Os objetivos deste trabalho são: analisar como o indivíduo é caracterizado nos livros didáticos de geografia, chamado geografia Crítica, feito por autor José William Vesentini, coleção para o ensino fundamental 2 muito importante e com grande representatividade, com edições feitas desde 1984, a edição analisada será a 2ª edição de 2002, por isso que na nomenclatura ainda se encontra como 5ª série, que a partir de 2010 passou ser 6º ano.

. Observaremos se há uma distinção entre indivíduo e sociedade nesses livros ou se o indivíduo está resumido à sua classe social. Analisaremos os temas da geografia em que ação humana é retratada e como o indivíduo está nessas ações. Discutiremos o indivíduo em três escolas de pensamento diferentes, escola marxistas, escola austríaca e escola anarquista que serão caracterizadas.

2- QUESTÕES DE PESQUISA

- a) Onde está o indivíduo na geografia Crítica no ensino?
- b) O que é o indivíduo, para geografia crítica (marxista), anarquista e escola austríaca?

3- JUSTIFICATIVA

Em época de discussão sobre a doutrinação nas escolas do Brasil, projetos como a “Escola Sem Partido” e até mesmo o aumento pela demanda de educação domiciliar, argumentam uma grande interferência do Marxismo nos conteúdos de história, geografia, filosofia e sociologia. Sabemos que as ciências em geral têm suas correntes de pensamento que podem expressar ideologias, na geografia temos a geografia crítica como paradigma atual e expoente de conceitos e ideias marxistas.

É inegável a influência que a escola tem na vida do indivíduo já que passa anos nela, seguindo o currículo administrado/regulamentado pelo Estado. Para passar o conteúdo regulamentado que o Estado quer que seus jovens cidadãos aprendam, as escolas usam de vários materiais pedagógicos, meios e métodos, hoje é muito falado e questionado no Estado de São Paulo o Programa São Paulo Faz Escola que visa desenvolver as competências e habilidades, O conteúdo é formulado por especialistas da Coordenadoria de Gestão da Educação Básica (CGEB), dentro das diretrizes do Currículo Oficial do Estado de São Paulo, mas temos como outra ferramenta, que foi muito utilizada e ainda continua sendo utilizada, os livros didáticos que obedecem ao Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) que sempre sistemicamente passa por renovações e adaptações, posto que as ciências avançam e os conteúdos podem ser alterados, tendo como base teórica a geografia crítica uma corrente muito presente nos livros didáticos.

Foram escolhidas três escolas de pensamentos para trabalhar, que demonstraram, métodos, meios e conclusões diferentes que serão brevemente trabalhadas nesse texto.

Quando pensei na ideia de introduzir o indivíduo a uma discussão, e também a escola austríaca, entrei em contato com o professor Luis Lopes Diniz Filho, conhecido por suas críticas à geografia crítica, ele também orientou Marcos Antônio Ribeiro (2015) em uma dissertação de mestrado que será usada como referência e arcabouço de ideias que discute, a influência gramsciana na geografia no Estado do Paraná e como ela se reflete nos conteúdos, temas trabalhados, narrativas, sindicatos e até nas atitudes dos professores.

É mais comum observar o método praxeológico em discussões econômicas, políticas, éticas e filosóficas e até mesmo no confronto ideológico, porém eu não tinha conhecimento se a escola austríaca entrou na geografia, então perguntei a Diniz se ele conhece trabalhos feitos na geografia, sobre a escola austríaca, seus métodos e discussão política, ele respondeu que haviam poucos trabalhos na geografia com essa doutrina, e eram mais enviesados a um pensamento quantitativo, que o enfrentamento ideológico dava-se mais com base nos pensamentos do chamado “neoliberalismo” representado por Milton Friedman da escola de Chicago, contra o establishment progressista, o enfrentamento ideológico se dá muito mais por dados e menos nas discussões a priori. Portanto a perspectiva individual sobre, o espaço, território, lugar e etc. é algo restrito e não muito discutido, mas importante pois justamente estamos ensinando para indivíduos, e para ensinar melhor e compreender a realidade, precisamos saber o que é o indivíduo e onde está o “eu” na geografia?

4- METODOLOGIA

A Metodologia utilizada traz uma análise dos conceitos em suas escolas de pensamento, como os conceitos podem ser comparados, demonstrando assim, aproximações ou distanciamento entre as escolas, dentro das escolas de pensamento o “indivíduo” será analisado e avaliado se há possíveis contradições teóricas. Para análise da escola austríaca, trouxe a praxeologia, um método pouco trabalhado na geografia, e que procura entender a ação humana que para Mises (2010) é antecessora até mesmo da economia, por tanto para entender a economia, segundo os austríacos é necessário entender o que move a humanidade. Para a escola anarquista trabalhei com artigos e o livro O indivíduo na sociedade da Goldman (2010) e no caso do indivíduo na escola marxista além de debater a partir de artigos utilizei também livros didáticos no qual, ver como é trabalhado esse conceito, para isso fiz a procura do conceito do indivíduo nos livros geografia Crítica da 5ª à 8ª série.

Dr. Vesentini foi um dos pioneiro no Brasil, na produção de livros didáticos viesados à geografia crítica, publicando desde os anos 80, essa coleção que utilizaremos, estava disponível na Biblioteca da Universidade Unesp Ourinhos, e é do ano de 2002. A procura foi realizada, por página, e seguindo a ordem didática, começando da 5ª série até a 8ª, não deixamos nenhum capítulo sem análise, até mesmo os capítulos da geografia física, foram incorporados à pesquisa, não restringindo apenas ao conceito de indivíduo, também outras palavras relacionada a semântica foram analisadas no contexto de cada capítulo, palavras como, individual e individualismo estão na busca do “eu” na geografia crítica.

5-DISCUSSÃO

O debate entre escolas de pensamento e conceitos tão fundamentais, é muito amplo e complexo, e o próprio conceito de indivíduo, também é algo que necessita mais do que uma definição de dicionário, por tanto precisa-se recorrer à filosofia, para dar início a essa discussão.

A discussão pode parecer que fica restrita à individualistas que vão defender que o indivíduo é base e precede a sociedade, e através da sua razão podem agir, tomar decisões e mover a história e coletivistas que vão defender que sem sociedade não existe indivíduo e que as condições materiais e históricas vão mover a humanidade, porém podemos ter um pensamento de negação da razão ou existência, colocando a consciência num vazio, um ceticismo cognitivo, ou que todo debate depende das perspectivas e que nada é ou pode ser 100% coerente ou correto (uma frase um tanto quanto *nonsense*, devo acreditar que a verdade não existe, mas isso não seria uma verdade apriorística?), que seria a mais visão mais niilista, o que alguns autores vão chamar de pós-modernista. Por isso mesmo que o debate fica mais concentrado entre individualistas e coletivistas, pois os mesmos vão buscar bases para consolidar seus argumentos e querer provar suas visões, lembrando sempre que falar individualistas e coletivista é um pequeno reducionismo para as demais correntes, que os dois pensamentos têm, que não é foco da pesquisa.

O individualismo tem raízes no renascentismo, mas se estabelece no debate político com os liberais ingleses em especial John Locke e Adam Smith, eles viviam em uma sociedade que cultuava muito a espiritualidade e as autoridades religiosas e até mesmo despóticas, porém os conflitos internos dessa sociedade e a demanda crescente por liberdade, fizeram a Inglaterra dar uma guinada, exemplificada pela Revolução Gloriosa, com ela se estabelece uma igualdade cívica, os direitos individuais e de propriedade, algo inimaginável, para outras sociedades e através das ideias dos precursores do liberalismo o individualismo foi ganhando corpo, sempre questionando a legitimidade do coletivo, coagir o indivíduo.

O coletivismo pode ser visto nas mais diversas sociedades até mesmo nas antigas, mas em graus diferentes e mais hierarquizado, a utilidade do indivíduo para a

sociedade valia mais que a vida do mesmo, podemos citar o exemplo a cidade-estado de Atenas que no período clássico da Grécia Antiga, os recém nascidos que aparentavam deficiências eram mortos, pois não agregariam nada para o coletivo. Intelectualmente é inegável que o coletivismo tem seu auge nas obras e manifestos de Karl Marx que além do debate econômico e político também traz uma discussão ideológica, prega a importância da interdependência dos homens, e que haja uma coesão social traduzida na igualdade

5.1 AXIOMA: Na introdução começamos falando que o indivíduo está na base axiomática de muitas ciências e correntes de pensamentos, mas o que seria um axioma?

Na linguagem nós podemos fazer proposições, essas proposições se constituem de conceitos interligados entre si. O conceito é a referência que a mente faz a uma coisa. Por Exemplo: No caso desse estudo o indivíduo é o conceito trabalhado. Conceito é a unidade de referência. Conceitos interligados entre si de uma forma específica se dividem entre proposições e *nonsense* e portanto uma proposição é um grupo de conceitos interligados com significado. Toda proposição deve seguir as leis da lógica, caso contrário, ela não pode ter um valor-verdade e não terá um significado, já que todo significado depende do valor-verdade. Tentar fazer uma proposição sem defini-la como verdadeira ou falsa é o mesmo que não fazer uma proposição, pois nada está sendo afirmado ou negado.

Dizer “está chovendo” sem que fosse uma afirmação ou negação seria o mesmo que dizer “está chovendo ou não está chovendo”. Isso não é uma proposição, pois não afirma ou nega nada.

Da mesma forma, conceitos que não formam uma proposição não dizem nada. Se eu disser “abacate”, eu não disse nada. Porém, dizer que um abacate específico está em cima de uma mesa específica é fazer uma proposição, que então pode ser verdadeira ou falsa. E pode cair na lei da falseabilidade e ser até mesmo científico, da mesma forma, a tautologia, em que se afirma um predicado que já estava contido no sujeito da sentença, é um tipo de *nonsense*. Como Karl Popper (2004), também participante da Escola Austríaca de Economia, já afirmava no livro a lógica da pesquisa Científica.

Logo, as proposições contém algo definido e quanto mais complexo é esse sujeito ou objeto definido, mais regras as proposições têm que seguir para serem lógicas.

Por tanto um axioma é uma premissa considerada necessariamente evidente e verdadeira, (por seguir as leis da lógica e não ser uma proposição *nonsense*). Um exemplo considerado desde a antiguidade um axioma fundamental da filosofia, é o de que "nada pode ser e não ser simultaneamente" pois ao ser "algo", um objeto ou sujeito, pode ser observado e pesquisado objetivamente, mas caso esse "algo" não seja nada, ele não se encaixam nas leis da lógica ou da física e não pode ser analisado ou ser objeto da razão. Esse axioma não descarta a existência do nada, apenas diz que ele não pode ser outra coisa a não ser nada.

Agora que já tratamos o que seria o axioma, vamos definir o que é escola de pensamento, outro termo utilizado na introdução.

5.2 ESCOLAS DE PENSAMENTOS: Quando fala-se em escolas de pensamentos, supõe que sejam grupos de ideias e ou pessoas que têm proposições e axiomas próximos. O que também não significa que são idênticas, porém tendem a concordar mais do que discordar, podendo discordar nos meios ou nas premissas, por exemplo o anarquismo tem vertentes que vão desde, o mutualismo ao anarcossindicalismo, as escolas de pensamento podem surgir por um grupo ou indivíduo por um certo tempo, contudo podem durar muito tempo, ou até mesmo não serem refutadas, no processo de criação de escolas de pensamento podem ser construídos laços pessoais, e que se constroem para criar e propagar ideias novas a serem debatidas. Por tanto para conseguir trabalhar as ideias, usaremos as ideias centrais de cada escola trabalhada e dos autores escolhidos para o texto.

5.2.1 A geografia crítica já pode ser considerada um paradigma na geografia do Brasil, pois desde os anos 70, tem muitos adeptos, chegou ao *establishment* acadêmico, midiático, e até mesmo ao poder acadêmico geográfico, talvez não da forma como queria, porém não podemos negar sua hegemonia. Após um enfraquecimento da esquerda no Brasil (e a geografia crítica está ligada ao que

poderíamos chamar de esquerda política), começaram a questionar as ideias, narrativas, e doutrinas propagadas na sociedade e de onde elas surgem, criando assim um clima de ceticismo que as forças conservadoras conseguiram lançar sobre a academia e demais entidades, afastando parte da população das mídias alternativas e até mesmo das tradicionais, o questionamento do progressivíssimo foi grande e veio como resposta quase que em um ambiente de dialética hegeliana, a esquerda conseguiu o poder democraticamente e aos poucos por contrassensos entre a sociedade, como no caso do plebiscito do desarmamento, que foi simplesmente esquecido e também os escândalos de corrupção, grupos se organizaram e reagiram a todo esse cenário ampliando assim a janela de Overton (A Janela de Overton é o leque de ideias "aceitáveis" na sociedade), mais ideologias foram postas a julgo da opinião pública, e não somente o debate de antes dos Sociais Democratas, contra a Esquerda Ortodoxa. Logo os conservadores que perceberam ser a maioria da sociedade se organizaram e viram nas matérias ditas de humanas, um descompasso com suas ideias de moral e ética, acusando os professores, o conteúdo, a academia e etc. do que foi chamado de “doutrinação” e apareceram até mesmo projetos de lei, para tentar regulamentar a relação professor-aluno quando são trabalhados temas mais políticos, religiosos e sexuais. O projeto de lei foi apresentado em junho de 2016 no Senado e intitulado PLS 193/2016 no Art. 1, parágrafo único do projeto, ele pede isonomia do professor, que é neutralidade, O “Escola Sem Partido” iria complementar a lei Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, na prática em cada sala de aula teria uma folha com os deveres do professor e caso ele não siga os seus deveres o aluno pode conversar com a coordenador da escola, os deveres são segundo o Art. 2 do projeto :

- I O Professor não se aproveitará da audiência cativa dos alunos, para promover os seus próprios interesses, opiniões, concepções ou preferências ideológicas, religiosas, morais, políticas e partidárias. II - O Professor não favorecerá, não prejudicará e não constrangerá os alunos em razão de suas convicções políticas, ideológicas, morais ou religiosas, ou da falta delas. III - O Professor não fará propaganda político-partidária em sala de aula nem incitará seus alunos a participar de manifestações, atos públicos e passeatas. IV - Ao tratar de questões políticas, socioculturais e econômicas, o professor apresentará aos alunos, de forma justa – isto é, com a mesma profundidade e seriedade –, as principais versões, teorias, opiniões e

perspectivas concorrentes a respeito. V - O Professor respeitará o direito dos pais a que seus filhos recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções. VI - O Professor não permitirá que os direitos assegurados nos itens anteriores sejam violados pela ação de estudantes ou terceiros, dentro da sala de aula.

Logo a Apeoesp e demais entidade que representam os professores chamaram esse projeto de “lei da mordaça” que somente visa silenciar os professores e sua liberdade de cátedra.

Mas o que seria essa doutrinação? O mestre Marcos Antonio Correia, caracteriza essa doutrinação na página 18:

A doutrinação ideológica gramsciana ocorre no ensino de Geografia brasileiro, por meio de teorias e preceitos categóricos expressos nos documentos legais oficiais, regentes da educação nacional, observados, também, nos livros didáticos e discurso de professores de Geografia, configurando-se em doutrinação ideológica. Acredita-se que a suposta doutrinação na educação nacional oferece alguns entraves no ensino da ciência geográfica, pois tolhe a liberdade de pensamento e interfere na produção e disseminação desse conhecimento.

A identificação de doutrina, no atual ensino podem ter surgido por duas hipóteses, sendo elas, a de que realmente a ter-se estabelecido como paradigma a geografia crítica, não foi contestada, somasse a isso um comportamento intrinsecamente coletivista e corporativista, por parte das instituições que representam a geografia crítica e um certo distanciamento do debate, o que poderia dar impressão de um sistema totalmente totalitário que coage milhares de professores e alunos a serem de “esquerda” na realidade é apenas uma manifestação orgânica. Mas não podemos descartar a ideia de uma estratégia não explícita de governo, como Rothbard (2010), sintetiza em seus livros “educação do estado é educação para o estado”

A escola de pensamento marxista é tradicionalmente coletivista e busquei como o “eu” é tratado nos livros didáticos, o que pode parecer um confronto, mas ao falar que o paradigma marxista está vigente, não estou aqui tentando rechaçar a escola marxista, mas como diz Nikolas Silva (2017, pág. 13)

Note que esta trajetória da evolução da ciência que Kuhn explica não implica na exclusão do antigo paradigma e de suas contribuições, nem mesmo dos outros paradigmas concorrentes, apenas que o antigo se esgota, dando espaço a outros. O autor se mostra mais preocupado em explicar o surgimento das novas hipóteses e teorias do que das discussões metodológicas e epistemológicas e seus desdobramentos nas ciências, que tendem a permanecer mais tempo em evidência do que as teorias, que podem ser substituídas ao comprovarem serem erradas ou ultrapassadas.

Os principais pensadores dessa escola são: Karl Marx (2003), que com seu método materialista histórico dialético vai ser a base para essa escola e sua obra “O capital” vai trazer diversos conceitos que serão abordados por outros autores seguidores da mesma escola, como Yves Lacoste (2007) que foi um precursor da geografia Crítica, criando o termo “New Geography” em sua principal obra “A geografia – isso serve em primeiro lugar para fazer uma guerra; Milton Santos (2004) com a obra “Por uma geografia nova”; Harvey (1980) no livro “A justiça social e a cidade” e o autor Massimo Quaini (2002) na obra “Marxismo e geografia”. É claro como eu disse anteriormente, os autores não pactuam em todas as ideias porém as premissas e conceitos trabalhados são parecidos como: Trabalho, sociedade, desigualdade, território, espaço, capitalismo, mais-valia, economia planificada, estado, luta de classes, socialismo, sindicato, coletivismo, alienação e justiça social.

5.2.2 A geografia anarquista. Anarquia por muito tempo foi visto com uma imagem negativa, Hobbes (2014) quando afirma que é necessário um poder político um leviatã para estabelecer a ordem, diz isso para que não fiquemos na “anarquia” e na lei do mais forte, porém no século XIX, o anarquismo assim como outras ideias, e ideologias começaram a ser mais debatido, para uma mudança na estrutura da sociedade que oprimia muito, acreditava-se então na criação de uma organização comunitária fundada na abolição da propriedade privada e o repúdio a qualquer tipo de lei ou governo. A razão seria o guia maior dessa nova sociedade e a total liberdade ética e política deveriam ser garantidas, o Estado e a Propriedade são vistos como os empecilhos para essa ética, que segundo seus seguidores o Estado promove a Propriedade e a Propriedade perpetua o Estado. Ainda no século XIX essas ideias adentram a geografia por meio de alguns autores, Moreira (1994), diz que Reclus não

olhava a geografia de forma compartimentada e delimitada e mesmo exilado por “conspirar” na comuna de Paris, criou um novo paradigma na geografia, a geografia anarquista, e também uma nova vertente do anarquismo, o anarquismo geográfico. A escola anarquista também é abrangente e tem muitas correntes de pensamento, porém ela não foi muito debatida e sim, repugnada pelos Estados que estavam se formando e institucionalizando a geografia para benefícios próprios como o imperialismo, que para os anarquistas é algo completamente antiético. Portanto a formação da escola anarquista se deu mais em lugares em que os estados não estavam muito estruturados para reprimi-la. Os principais autores da geografia anarquista são: Reclus, que teve sua principal obra publicada após sua morte, com o nome de Nova Geografia Universal: a Terra e os Homens que são 19 volumes que tratam dos seus estudos em diversos países diferentes falando desde aspectos físicos à sociais e Piotr Kropotkin que segundo Vesentini (2009, pág. 174)

Recebeu o maior número de citações – elogios, críticas ou referências – oriundas de não-geógrafos: inúmeros biólogos, antropólogos, filósofos, cientistas políticos, sociólogos, militantes políticos de esquerda, escritores etc., de várias partes do globo, o mencionaram.

Por conta de sua vasta obra, que procura incorporar ou integrar determinadas ideias anarquistas na geografia, mesmo assim, ele foi omitido do debate, por conta de seus posicionamentos que juntamente com Proudhon (1975), Bakunin (1882), Tolstói (1994) autodidata e professor que tentava diversos métodos para melhorar o ensino de geografia e um propagador do anarquismo cristão, Goldman (2010) com sua obra “O indivíduo na sociedade”, Stirner (2004) e Lysander Spooner (2003) que são precursores anarcoindividualismo e que engloba o conceito de lei natural que os liberais clássicos utilizavam, e todos estes acima são os grandes nomes do anarquismo. Diz Vesentini (2009, pág. 176)

A filosofia anarquista, vista como um ser em construção, caminha junto e enleada com a ciência moderna tanto na perspectiva metodológica quanto na contribuição conjunta para a libertação da humanidade do reino da necessidade e da opressão de alguns sobre muitos.

As ideias centrais e conceitos mais abordados são: ajuda mútua, individualismo, coletivismo, liberdade, sindicato, autonomia, auto definição, auto gestão, estado-nação, fronteiras, trabalho, classes sociais, autoridade, lugar, nacionalismo, território e desobediência civil.

5.2.3 Escola Austríaca: Certamente das três escolas de pensamento apresentadas, a escola austríaca é a de menor relevância para a geografia, não aparecendo em livros que tratam da história do pensamento geográfico, é a escola com menos participação nos debates e expoentes, apesar de trazer métodos novos que foram até trabalhados por autores clássicos como, o Positivismo lógico, porém outro método como a praxeologia, nem sequer é lembrada pelos geógrafos que não a veem com utilidade. A escola austríaca se institucionalizou em Viena no final do século XIX e começo do século XX e por isso ganhou esse nome, em épocas de discussão das ideias da economia clássica e aparecimento da escola marxista, porém outros autores mais antigos, já partilhavam de ideias próximas como o Francês Frédéric Bastiat (2010) na obra a Lei.

A escola ganha notoriedade através da revolução marginalista originada da obra “Princípios da Economia Política”, de Carl Menger e publicada em 1871, que expõe o seguinte enunciado: “quanto maior o número de unidades de um bem que um indivíduo possui, menor será o valor que ele dará para cada unidade adicional.

O maior expoente dessa escola de pensamento é o Ludwig Von Mises, que com a obra “Ação Humana” (2010) cria diversas proposições e axiomas sobre as escolhas, decisões e ações humanas, que veremos logo abaixo.

Friedrich Hayek (2010) também foi muito importante para a escola austríaca, com diversas obras e a defesa da ordem espontânea, no fim da sua carreira chegou a ganhar um Nobel em seu debate com Keynes (1988) sobre ciclos e juros; Outro autor com muita notoriedade é o Rothbard (2013) que foi aluno de Mises, organizou o que ele chamaria de libertarianismo, na obra Por uma nova liberdade: o manifesto libertário, tanto que gerou um debate semântico a respeito da palavra “libertário” na qual os

anarcocapitalistas e minarquistas reivindicaram para si, enquanto os anarquistas também fazem uso da mesma, para se identificar.

Rothbard (2010) sistematizou uma ética jusnaturalista para o anarcocapitalismo, nota-se a ética jusnaturalista já existia e havia sido pensada desde Locke, essa ética consiste na ideia que os direitos dos indivíduos são naturais e antecedem a “autoridade” estatal. O livro “A Ética Libertária”, revela uma ética calcada na premissa que os indivíduos são donos de si mesmos, por tanto a princípio são invioláveis, assim como propriedade privada é inviolável e a liberdade também, criando assim um princípio de não agressão (PNA), e segundo essa ética a existência do estado fere diretamente, tanto a propriedade por usurpar dos tributos e da renda dos “seus” cidadãos, fere os indivíduos ao regrá-los sem consentimento e fere a liberdade ao limitá-la de acordo com os burocratas decidirem, por tanto criou uma ideia de anarcocapitalismo, uma sociedade sem estado, regrada pelas trocas voluntárias de propriedade; O autor Hans-Hermann Hoppe (2014) também adepto do anarcocapitalismo, criou uma ética jusracionalista, no qual ele mantém alguns princípios do Rothbard porém avança no debate de tentar criar leis sem contradições e nesse debate Hoppe estabelece que a única lei universal e justa seria a de propriedade, agregando esse conceito ao indivíduo e a liberdade, sintetizando que o indivíduo é a propriedade de si mesmo, e suas liberdades estão limitadas a sua propriedade, e que ele não pode fazer nada sem consentimento com a propriedade de terceiros; E por fim a autora Ayn Rand (2015), que debateu em seus romances a moral do individualismo frente ao coletivismo.

As ideias centrais e conceitos mais abordados são: laissez-faire, indivíduo, juros, autonomia, anarquia, ordem espontânea, troca voluntária, razão, socialismo, propriedade privada, liberdade econômica e civil, mercado, ética e moral. Essa escola de pensamento foi escolhida, por representar uma crescente oposição à escola marxista, desde sua formação, e no calor do debate político de 2015, ao ampliar a janela de Overton conheci alguns autores dessa valiosa escola de pensamento, através de autores da escola de Chicago de economia, que aparecem mais no mainstream, eles têm uma visão um pouco mais próxima à austríaca e essa visão aos poucos eu

incorporei por causa de defesa das liberdades e hoje pactuo com muitas ideias da escola austríaca por observar uma coerência que vai desde as axiomas, premissas, meios e finalidade com isso, percebi que acrescentam muito ao debate.

5.2.3.1 Praxeologia: O termo praxeologia, do grego práxis - prática, hábito e logia – teoria, ou seja a lógica da ação humana, MISES (2010, pág. 22) diz que “devemos estudar as leis da ação humana, assim como um físico estuda as leis da natureza”.

A praxeologia se baseia no axioma fundamental de que indivíduos agem, ou seja, no fato primordial de que indivíduos participam de ações conscientes visando objetivos escolhidos. Ação implica que o comportamento do indivíduo é proposital, em resumo, que é direcionado a objetivos. Além disso, o fato de ele agir implica que ele conscientemente escolheu certos meios para atingir seus objetivos. Uma vez que ele deseja atingir esses objetivos e terá satisfação em obtê-los, podendo ter muita ou pouca satisfação.

O indivíduo emprega meios, isso implica que ele acredita que tem o conhecimento que certos meios irão levá-lo aos seus fins desejados. Notemos que a praxeologia não assume que a escolha de valores e objetivos pela pessoa é sábia, adequada ou que ela escolheu o método tecnologicamente correto de atingi-los. Tudo o que a praxeologia afirma é que o indivíduo agente adota objetivos e acredita, quer erroneamente, quer corretamente, que ele pode chegar a eles pelo emprego de certos meios. Toda ação acontece no mundo real, além disso, deve realizar-se através do tempo (assim podemos começar a explicar, ou deduzir a existência dos juros, para além da explicação das classes sociais); toda ação tem lugar em algum presente e é direcionada para a realização futura (imediata ou remota) de um fim.

Se todos os objetivos de uma pessoa pudessem ser instantaneamente realizados, não haveria razão alguma para que ela agisse. Além do mais, que um homem age implica que ele acredita que a ação fará alguma diferença; em outras palavras, que ele prefere a situação resultante da ação àquela de nenhuma ação. Portanto, ação implica que o homem não tem conhecimento onisciente do futuro; pois

se tivesse tal conhecimento, nenhuma ação de sua parte faria qualquer diferença. Assim, ação implica que nós vivemos em um mundo de um futuro incerto. O fato de que as pessoas agem necessariamente implica que os meios empregados são escassos em relação aos fins desejados; pois, se todos os meios não fossem escassos, mas superabundantes, os fins já teriam sido atingidos, e não haveria necessidade de ação.

Colocado de outra forma, recursos que são superabundantes não mais funcionam como meios, porque eles deixam de ser objetos da ação. A praxeologia não implica em uma matemática, regra ou leis de coerção para as ações humanas, mas justamente o contrário, e que várias das interferências do estado não necessitavam ser feitas para ter resultados empíricos (em projeções ou gráficos) e saber se foram boas ou ruins, pois a praxeologia consegue provar apriori que essas intervenções atrapalham ou confundem as escolhas e objetivos dos indivíduos, mas os axiomas da praxeologia podem ser vistos como empíricos, eles são tão amplamente baseados na experiência humana comum que, uma vez enunciados, eles se tornam autoevidentes, na experiência interna universal, bem como na experiência externa, ou seja, a evidência é reflexiva ao invés de puramente física; e eles são, portanto, a priori aos complexos eventos históricos.

A praxeologia é, portanto, uma disciplina única dentro das ciências sociais; uma vez que, em contraste com as outras, ela lida puramente com o fato de que eles têm objetivos e agem para atingi-los. As leis da utilidade, demanda, oferta e preço se aplicam independentemente do tipo de bens e serviços desejados ou produzidos. Portanto esta escola de pensamento se baseia no individualismo metodológico, no fato de que apenas indivíduos sentem, valorizam, pensam e agem, diferentemente de outras escolas de pensamento. E essa metodologia pode ser aplicada também na geografia e dar resultados interessantes para pesquisas em vários âmbitos, desde o político-econômico até o conceitual como, lugar, espaço e etc. Caso haja uma abertura a essa corrente na geografia certamente seria um paradigma novo, e que pode ser demandado, visto que cada vez mais as pessoas querem privacidade, liberdade e autonomia, valores esses condizentes à praxeologia.

5.3 O que é o indivíduo? O debate sobre o indivíduo está no cerne do debate ético, e dos direitos. O conceito de indivíduo é complexo, abrangente, envolve questões filosóficas e o trabalho não tem o ideal de diminuir essa discussão que é muito grande por sinal e sim acrescentar.

Esse conceito é muito utilizado nas ciências sociais e naturais para abstrair o ser humano em determinadas situações hipotéticas e se ele é usado para esse fim, então ele tem que ser um ser humano com atributos que todos podem ser representados em tal abstração, caso contrário, o autor tem que por mais um atributo àquele indivíduo, que agora pode participar de um grupo ou gênero, como por exemplo: Indivíduos que nascem em determinado território, vão partilhar da característica de ser cidadão de tal estado.

O indivíduo, independe de certas características físicas, por exemplo, quando uma pessoa é de estatura baixa, ela não é um meio indivíduo, mas sim continua a ser um indivíduo enquanto conceito. Mas existem debates sobre quando começamos a ser indivíduo, exemplo do debate sobre o aborto que se acaso o ser começa a ser indivíduo a partir do encontro do espermatozoide com óvulo, esse indivíduo segundo a ética libertária teria direito a vida, outro debate é até quando somos indivíduos, se quando morremos os corpos não são nada além de algo material, portanto não teriam “direitos”. Algumas características do indivíduo vão ser universais, e outras vão variar de doutrina para doutrina. A exemplo os totalitários de outrora fuzilavam seus opositores logo pra eles ou o indivíduo não tem direito algum, ou seus opositores não são sequer indivíduos.

5.3.1 O indivíduo na Escola Marxista. Pires (2003, pág. 2) diz

A resposta às críticas de que o indivíduo não era uma preocupação para Marx exige situar à origem delas e, para tanto, lembrar, por um lado, a defesa quanto à cisão do mesmo em duas fases distintas (e opostas) e, por outro, o domínio, em um certo período da história do Marxismo, da vertente Marxista-Leninista – sustentáculo do Socialismo Real no plano ideário.

Quando, a partir da década de 50, fica definitivamente claro o caráter deformado do socialismo capitaneado por Stalin e os equívocos cometidos em nome do pensamento marxista, abre-se espaço para a redescoberta de Marx enquanto humanista, para a negação da tese

dos dois Marx e, decorrentemente, para a recolocação da temática em lugar de destaque dentro da Tradição.

Para Pires (2003) as críticas surgem após os problemas do que chamaremos de “Socialismo real”. Se para alguns autores há uma separação do Marx, humanista e jovem, com o dogmático escritor da obra “O capital”, o autor defende que não há distinções entre os “dois” Marx e sim análise semânticas diferentes e por sua vez interpretações também distintas, pois o eixo central do pensamento continua o mesmo, a libertação da sociedade burguesa. Porém como vimos acima, no nascimento da escola austríaca já havia críticas, ao Marxismo e as críticas não se destinam apenas por ele ter diferenças semânticas e sim, pelos seus argumentos.

Para os marxistas, Marx se preocupa com o indivíduo e com sua libertação das condições sociais limitadoras de sua plena realização enquanto ser humano e classe, porém é claro que ele não elabora algo que poderia ser intitulado de Teoria da Personalidade ou Teoria da Individualidade.

A discussão do indivíduo no Marxismo parte da perspectiva que o ponto de partida não é o indivíduo abstrato, imaginado ou pensado. A tradição materialista diz que o indivíduo é antes de tudo um ser corpóreo, real e objetivo; um ser que tem existência material e que tem uma atividade vital, como diz Pires (2003, pág. 4) “que não se reduz à consciência, embora a envolva visto que é uma característica ontológica do homem o fato de ter uma atividade vital consciente e teleológica”.

Por fim, o materialismo histórico dialético tem como ponto de partida que o ser humano tem suas condições concretas e históricas de vida, até porque Marx (2007) não o vê como isolado e independente, como na crítica que ele faz a Max Stirner no livro “A ideologia alemã” chegando a zombar de Stirner chamando-o de “São Max”. Ao contrário, o homem é um ser social, condicionado por circunstâncias sociais.

5.3.2 O indivíduo na escola anarquista, A autora Goldman (2010) vai conciliar o avanço da sociedade com o avanço das liberdades do indivíduo frente as intervenções do estado, e questiona se Estado seria proveitoso?

Que coisa senão um amontoado de indivíduos. O homem foi sempre, é necessariamente, a única fonte, o único motor de evolução e de

progresso. A civilização é o resultado de um combate contínuo do indivíduo ou dos agrupamentos de indivíduos contra o Estado e até contra a sociedade, isto é, contra a maioria hipnotizada pelo Estado e submetida ao seu culto. As maiores batalhas a que o homem se entregou foram contra os obstáculos e as desvantagens artificiais que ele próprio criou e que lhe paralisaram o seu desenvolvimento. O pensamento humano foi sempre deturpado pelas tradições, os costumes, a educação mentirosa e injusta, distribuídos para servir os interesses dos que detêm o poder e gozam de privilégios; isto é, para servir o Estado e as classes dominantes. (pág., 7)

Diante da citação acima, fica clara a posição de separar o indivíduo do estado, que por mais que seja um amontoado de indivíduos, eles não representam os mesmos interesses, e o Estado acaba concentrando poder político e econômico que ele usará de forma proveitosa para a classe social dominante. Porém a autora vai diferenciar o individualismo que ela defende ao individualismo que ele vai chamar de individualismo de direita, dos super-homens, egocêntricos dos Estados Unidos da América. Para depois defender a anarquia que segundo a autora de todas as teorias, é a única a proclamar que a sociedade deve estar ao serviço do homem e não o homem ao serviço da sociedade. O único fim legítimo da sociedade é o de acudir as necessidades do indivíduo e de ajudá-lo a realizar os seus projetos, até porque como diz Goldman (2010, pág. 10) “É o indivíduo que vive, respira e sofre. Ele desenvolve-se e progride lutando continuamente contra o feiticismo que alimenta em virtude das suas próprias invenções e em particular a do Estado.”

5.3.3 O indivíduo na escola austríaca O indivíduo se baseia na ideia de um ser consciente, o que resulta em uma oposição apriorística à visão marxista que é materialista. Para os austríacos o indivíduo é irreduzível. É o indivíduo que pode agir, fazer escolhas, violar ou não uma ética, ter ou não valores morais, é o indivíduo que raciocina, que faz proposições que podem ser verdadeiras ou falsas. É o indivíduo que usa meios para alcançar fins, logo o indivíduo é um fim em si mesmo. Essa visão traz o indivíduo como o princípio da análise e Mises (2010 pág.77) já dizia

O curso da história é determinado pelas ações dos indivíduos e pelos efeitos dessas ações. As ações são determinadas pelos julgamentos

de valor dos agentes individuais, isto é, pelos fins que pretendem obter e pelos meios que utilizam para atingir esses fins.

Portanto o “eu” sempre antecede a sociedade? Mises (2010 pág.183) diz que o ser humano nasce em um ambiente socialmente organizado. Somente nesse sentido é que podemos aceitar quando se diz que a sociedade — lógica e historicamente — antecede o indivíduo, porém nos outros sentidos, filosóficos, econômicos, éticos e até morais para alguns autores, o indivíduo antecede a sociedade.

Para os austríacos é mais lógico falar que a sociedade em si não existe, a não ser por meio das ações dos indivíduos. É uma ilusão imaginá-la fora do âmbito das ações individuais. É inútil perguntar se é a sociedade ou o indivíduo o que deve ser considerado como fim supremo, e se os interesses da sociedade devem ser subordinados aos do indivíduo ou vice-versa, mas quando se trata de começo, deve-se começar a pensar pelo indivíduo, para não cometer erros lógicos de proposição e também, porque ação é sempre de indivíduos. Um “Nós” não age para alcançar fins e dificilmente consegue dar valor para esses meios ou fins. E desse pensamento podem surgir questões morais e éticas que são intransigíveis, e que violá-las é uma agressão ao “indivíduo”, portanto quem nega, ou não se considera um indivíduo igual ao um terceiro, ou não considera o terceiro como um indivíduo, e última hipótese violar a ética austríaca é negar que o debate pode levar a algo, como defende Rand: (2015 pág. 16)

Esse indivíduo cômico da existência da realidade e conhecedor dela por meio de sua razão é um fim em si mesmo e não um meio para algum outro fim. Cada indivíduo existe para preservar sua própria existência e não para ser sacrificado pela existência de outrem, todo indivíduo tem de ser beneficiado de suas próprias ações. Disso segue que cada indivíduo está moralmente comprometido com seus próprios interesses racionais e com a realização de sua felicidade

De certo essa visão de indivíduo, não aparenta ser algo escatológico ou muito distante da lógica e realidade, e até mesmo pode ser aplicada em outras escolas de pensamento, por isso analisei como se há algo próximo dessa definição nos livros didáticos de geografia crítica e se não houver não quer dizer que está incorreto o livro o didático, apenas demonstra a tese de que há uma restrição do que é o indivíduo, e portanto o que ele pode fazer e a quem ele deve obedecer.

6- INDIVÍDUO NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Os livros utilizados nessa pesquisa fazem parte da coleção geografia Crítica, com 4 livros e cerca de 200 páginas cada um deles, com conteúdos da 5ª à 8ª série conforme o livro, porém com a mudança após 2010, passa-se a chamar 6º ano até o 9º ano. Os livros foram desenvolvidos pelos autores, José William Vesentini, um ilustre expoente da geografia crítica e a autora, Vania Vlach Doutora em Geopolítica na Université Paris VIII. Primordialmente vamos procurar o conceito de indivíduo/individualismo nos livros, ver em qual contexto que está sendo tratado e analisar item por item.

6.1 – 6º Ano - O livro contém 208 páginas e os conteúdos trabalhados nesse livro didático são divididos em capítulos e explanados em tópicos conforme demonstra o anexo 1. Quando for citada a palavra indivíduo no texto, vou deixá-la em negrito para facilitar a visualização.

No livro 6º ano, por ter conteúdos mais vinculados à geografia física e a cartografia, a palavra indivíduo é citada apenas uma vez, no começo na página 21, no Item, Os espaços dos outros animais.

A nossa maneira de viver e organizar o espaço difere muito da maneira de outros povos, que viveram em outras épocas, e também da de outros seres vivos. Da mesma forma que o ser humano, os outros animais também vivem num espaço e têm uma percepção desse espaço. Normalmente eles vivem em determinados lugares onde procuram alimentos, constroem seus ninhos ou buscam locais apropriados para pernoitar. Possuem, portanto, um certo conhecimento do meio que habitam.

Algumas espécies animais escolhem um território como seu e estabelecem limites muito precisos. No interior desse território outros **indivíduos** estranhos ao grupo correm o risco de serem atacados.

Muitos animais possuem também uma clara noção de distância, permitindo que os inimigos se aproximem até certo ponto. Quando esse ponto é ultrapassado, eles atacam ou fogem. Certas aves conhecem um espaço muito amplo. (VESENTINI; VLACH, 2002, p. 21, grifo do autor)

Nesse item, o autor trata da percepção do espaço e interação com o mesmo, e que não é restrita ao ser humano, e quando falamos de percepção, levanta-se o conceito de indivíduo, posto que, é o indivíduo que possui percepção. Nesse contexto,

o indivíduo é tratado como um ser físico, algo apenas biológico, um animal. Um olhar mais positivista.

6.2 - 7º Ano - O livro contém 192 páginas, os conteúdos trabalhados nesse livro didático são divididos em capítulos e explanados em tópicos conforme demonstra o anexo 2.

No livro da 7º ano os autores focam na ação humana. Na página 11 é desenvolvido o conceito de Natureza e como ela possibilitou o surgimento de diferentes civilizações. Há grandes pensadores como Marx e Hegel que vão relacionar a ação humana à história, condições materiais, conflitos de poder ou a grandes líderes, porém, outros autores, como os integrantes da escola austríaca e seus seguidores vão afirmar que a ação humana está intimamente calcada no indivíduo, assim construindo uma filosofia, ética e direito aprioristicamente ligados ao indivíduo.

A tecnologia e as alterações na natureza

Ação humana sobre a natureza para garantir a sobrevivência dos **indivíduos** é uma característica encontrada nos mais diversos grupos sociais, nos diferentes momentos da História. Qualquer povo ou sociedade modifica a natureza, embora de formas diferente.

Até o século XVIII, a ação humana sobre a natureza não causou transformações profundas. O homem construía habitações, caçava e domesticava animais, recolhia frutos das árvores e derrubava uma parte pequena das matas para fazer plantações. Podemos dizer que havia então um equilíbrio nas relações do ser humano com a natureza. (VESENTINI; VLACH, 2002, p. 11, grifo do autor)

Nesse item a palavra indivíduo, não é tratada apenas como algo biológico, mas sim como um ser social, que age na natureza para manter sua subsidiariedade, essa é a citação que o conceito de indivíduo está mais próxima das escolas anarquista e austríaca.

Novamente no livro da 7º ano, no item “o que é sociedade?” da página 20, os autores definem a sociedade como um agrupamento de indivíduos, e demonstram que também temos sociedades de animais que podem mudar com o tempo, como a nossa sociedade que frequentemente se transforma.

O que é sociedade?

Sociedade é um agrupamento de **indivíduos** que vivem juntos num certo espaço geográfico e se relaciona de acordo com determinadas regras. Temos vários exemplos de sociedade: das abelhas, das formigas, a sociedade humana, etc.

Em geografia, nosso interesse é voltado para a sociedade humana, pois é ela que modifica profundamente a natureza e constrói o espaço geográfico.

Há uma diferença fundamental entre a sociedade humana e as sociedades formadas pelos demais seres vivos: estas praticamente não mudam. Uma sociedade de abelhas, por exemplo, terá a mesma organização durante milhares ou até milhões de anos: é formada pela rainha, pelas operárias e pelos zangões. A única mudança observada é a morte e o nascimento de **indivíduos**, sempre dentro da mesma organização, da mesma forma de vida social (VESENTINI; VLACH, 2002, p. 20, grifo do autor)

Portanto para definir o que é sociedade os autores necessitaram, falar do indivíduo, que nesse contexto é um ser material que interage com a sociedade, seja humana ou animal. Quando a palavra indivíduo aparece novamente, ela tem apenas o teor biológico, na primeira citação o indivíduo pertence à escola marxista, na segunda é positivista retirando as características ontológicas que podem estar subentendidas no conceito de indivíduo, transformando apenas em objeto de estudo, tal qual a organização da sociedade das abelhas.

Na página 35 do livro, existe um foco no aumento do aspecto histórico da economia e pré-industrial e com isso fala-se sobre a pecuária, extrativismo e agricultura, especialmente da Europa. Ao citar o indivíduo, apontam que eram pessoas que realizavam artesanato.

Atividades econômicas pré-industriais

Há milhares de anos, a humanidade aprendeu a domesticar animais (bois, cavalos, porcos, aves, etc.) e a cultivar plantas (desde alimentos – arroz, trigo, mandioca, etc.). A criação de animais denomina-se pecuária: e o cultivo de plantas recebe o nome de agricultura [...]

Como já vimos no capítulo anterior, a atividade industrial (setor secundário) vem crescendo notavelmente desde a segunda metade do século XVIII. Antes disso já existia a produção de bens a partir de matérias-primas (sapatos, roupas, armas, arados, etc.). Era o artesanato através do qual se obtinha uma produção

pequena, realizada manualmente por um **indivíduo**, com uso de ferramentas simples. (VESENTINI; VLACH, 2002, p. 35, grifo do autor)

Ao fazer menção ao indivíduo os autores apresenta-o, como um ser que é apenas uma representação do homem na sociedade fazendo algo, porém nesse caso é um indivíduo que produz, já não é apenas um ser biológico, mas inegável a influência marxista, por ser uma representação do homem que faz algo para produzir para a sociedade e um reducionismo das intenções primárias de um indivíduo, que tendem a ser a diminuir o seu mal-estar e aumentar suas satisfações.

Ainda nesse livro da 6ª série, na página 36, no início do texto os autores demonstram a importância dos indivíduos na criação dos bancos e a como a poupança funciona para o sistema econômico.

A origem dos bancos está ligada ao surgimento da moeda. Desde a Antiguidade havia **indivíduos** que emprestavam ou guardavam dinheiro de outros. A própria palavra *banco* vem dos bancos ou mesas de madeira sobre os quais as pessoas efetuavam trocas e tomavam dinheiro emprestado dos banqueiros ou agiotas. Estes em geral eram pessoas ricas que ganhavam ainda mais dinheiro com esses empréstimos. (VESENTINI; VLACH, 2002, p. 36, grifo do autor)

Os autores, falam dos bancos no contexto de sua origem, e o indivíduo é citado como um a gente desse sistema, o indivíduo nesse contexto é um ser social que toma decisões, que escolhe tomar empréstimos ou não, o que aproxima esse indivíduo à semântica das escolas anarquista e austríaca.

6.3 - 8ª Ano - O livro contém 272 páginas e os conteúdos trabalhados nesse livro didático são divididos em unidade, que por sua vez são separados em capítulos e explanados em tópicos, conforme demonstra o anexo 3.

No livro da 8ª Ano, em seu Capítulo 2, “O que significa país ou nação” os autores vai esboçar uma tese sobre a origem dos agrupamentos humanos, que assim como outros animais, vivem em sociedade e que na origem eram no máximo milhares de indivíduos se agruparam, para assim se formar as sociedades, que por sua vez não são iguais e vão ter comportamentos e práticas diferentes o que será chamado de cultura.

O que significa país ou nação?

Os seres humanos sempre viveram agrupados em sociedade, ou seja, ocupando um mesmo território e compartilhando traços em

comum (língua, hábitos, costumes, crenças). No início eram grupos pequenos, com centenas ou, no máximo, milhares de **indivíduos**. Com o tempo surgiram grupos ou povos constituídos de milhões de pessoas vivendo num mesmo território e com uma certa identidade cultural. (VESENTINI; VLACH, 2002, p. 10, grifo do autor)

Nesse contexto o indivíduo é inserido apenas como um ser, a parcela menor da sociedade, mas no final o autor fala sobre uma certa identidade cultural, e identidade é algo muito relacionado ao indivíduo, que é quem exerce a identidade.

Ao caracterizar a cultura ocidental e moderna, o autor diz que temos uma mentalidade individualista. Apresentando ao aluno que o espaço e a cultura que ele vive, já têm essas características. Pág. 62. No capítulo: como regionalizar o espaço mundial?

É a crença no progresso ou desenvolvimento material (deve haver cada vez mais obras, construções, aviões, automóveis, elevados edifícios, agricultura mais moderna, etc). É a crença no monoteísmo, no céu e no inferno, nas religiões cristãs ou na religião judaica. É uma forma de raciocínio baseada em dualidades: o bem e o mal, o masculino e o feminino, o certo e o errado, o culto e o ignorante, o civilizado versus o bárbaro ou selvagem, etc. É também uma mentalidade **individualista**: cada ser humano é radicalmente diferentes dos demais e seu futuro, suas ações, seu caráter, etc. dependem exclusivamente dele próprio e não do divino, da família ou dos espíritos, como creem outras culturas. (VESENTINI; VLACH, 2002, p. 62, grifo do autor)

O autor define o que é individualista, mas colocando o conceito como algo antagônico aos diferentes, que podem ser classes, comunidades, família e etc. Sem relacionar o individualismo, com a ideia de que cada homem é dono de si mesmo, que não deve nada a terceiros, que as entidades que o tentam oprimir são inimigas da sua existência, que cada indivíduo tem sua própria mente e suas liberdades, por tanto a definição dada aos alunos não caracteriza o que realmente significa esse conceito e ao relaciona-lo intrinsecamente com a mentalidade ocidental o diminui muito, pois o que os autores põe como mentalidade ocidental é uma constante dialética, de certo e errado, bem e mal e etc. porém a maioria dos individualistas não usam da dialética, logo o conceito apresentado diz apenas o que o individualismo não é, falta definir o que ele é, o autor faz uma pequena menção dizendo que o individualismo é a mentalidade de que

cada ser é único, mas não diz os valores subjacentes da mentalidade individualista e quais as consequências de pensar que assim.

Ao analisar outras culturas, o autor faz uma correlação com a ocidental, que os alunos tem um pouco mais conhecimento, por ser o meio no qual estão inseridos, e demonstram a variedade e diversidade cultural que pode haver, no mundo, dentro de um continente ou até mesmo dentro de um País. Pág. 64, no tópico das culturas negro-africanas,

Existem aproximadamente oitocentos idiomas e etnias diferentes na África, mas praticamente todas coletividades da África Negra possuem uma vida social baseada no meio rural e em aldeias onde todos se conhecem. As relações de parentesco – ou melhor, a família – desempenham um papel fundamental nas culturas africanas. Por famílias entende-se não a nossa, ocidental, centrada no pai, na mãe e nos filhos, mas sim um imenso grupo que inclui netos, bisnetos, avós, bisavós, tios, primos, etc. Com frequência dada a aceitação da poligamia. Nas culturas áfricas, essas família são composta por centenas de **indivíduos**, muito ligados uns aos outros. É comum alguém, que tem importante função política, ou de chefia, por exemplo, nomear parentes para cargos que contra direta ou indiretamente. (VESENTINI; VLACH, 2002, p. 64, grifo do autor)

A palavra indivíduos é inserida nesse texto apenas no caráter de unidade de ser humano que está associado as etnias e culturas apresentadas no tópico.

Na pág. 88 quando se fala do autoritarismo político nos países subdesenvolvidos associa-se essa condição com a relação entre os países mais industrializados, e que essa relação mantem os países subdesenvolvidos pobres e desiguais, (como se a igualdade universal fosse uma meta) e a partir dessas circunstâncias, tem-se regimes autoritários, consolidados no coletivo, na ideia de nação, de ordem, e etc.

Por causa do subdesenvolvimento da dependência em relação aos países mais industrializados e da grande diferença que há entre as pessoas pobres e as mais ricas, em geral os governos dos países latino-americanos são autoritários. Dificilmente um governantes tomam decisões sem consultar a população e sem levar em conta os interesses populares.

Nessa imensa região são frequentes as ditaduras civis ou militares, que se mantêm no poder graças ao uso da violência. A polícia, em geral, não respeita os direito mínimos do ser humano e comumente, usa a força bruta sobre a população mais pobre. Prisões sem ordem judicial, apenas porque **indivíduos** de aparência humilde estão sem

documentos ou são considerados suspeitos. (VESENTINI; VLACH, 2002, p. 88, grifo do autor)

Apesar de ser utilizada a palavra indivíduo, nesse caso é correlacionado com uma classe social, um ser de aparência humilde e o debate fica na luta de classes, e não no coletivismo autoritário contra o indivíduo. Não há defesa dos direitos individuais universalmente, e sim falando da agressão a certa classe social.

Na pág. 166, capítulo África no tópico “A colonização e a descolonização”, é tratada a relação da Colonização africana, que a partir do século XV, começam a apropriar dos territórios, no qual existiam diversas etnias, que tinham seus confrontos também, além da relação de escravidão e servidão, comum naquela região, os colonos se aproveitavam dessa relação e comercializavam os escravos para outras colônias para serem mão de obra.

A origem desse comércio escravocrata está na própria estrutura social predominante na África, onde eram constantes as rivalidades e lutas entre os diferentes grupos étnicos. Alguns grupos, organizados sob a forma de reinos, durante combates com grupos rivais aprisionavam os **indivíduos** da nação perdedora. (VESENTINI; VLACH, 2002, p. 166, grifo do autor)

Nesse é utilizada a palavra indivíduos apenas no caráter de unidade de ser humano, e que depois de perderem guerras étnicas, eram aprisionados, algo hoje inconcebível, posto que se é indivíduo, logo é livre, é uma mente, um ser, e não um objeto de troca.

6.4 - 9º ano O livro contém 178 páginas e os conteúdos trabalhados nesse livro didático são divididos em unidade que por sua vez são separados em capítulos e explanados em tópicos, conforme demonstra o anexo 4.

Já no último livro da série, voltado a 8ª série, o texto começa abordando a economia de transição, sendo que o autor faz um pequeno resumo de economia planificada e economia de mercado. Ao discutir a economia de mercado, ele expõe a propriedade privada e que ela pertence ao indivíduo, logo qualquer pessoa que esteja disposta a arcar com os custos pode ser dona de tal propriedade. Em uma abordagem

marxista é mais comum ver falar que a propriedade é do burguês ou da classe burguesa, mas nesse texto ele coloca o indivíduo. (Página 11)

Economias planificada tem por base empresas estatais ou públicas, isto é, a grande maioria das empresas (indústrias, bancos, fazendas, estabelecimentos comerciais e de seguros, etc.) não é propriedade privada e sim do governo. Numa economia de mercado ocorre o oposto: a grande maioria das empresas é privada ou particular, isto é, pertencem a um **indivíduo** ou a uma família (o que está se tornando cada dia mais raro, principalmente quando se trata de grandes empresas) ou pertence a um grande número de acionistas (o que está se tornando cada vez mais comum). (VESENTINI; VLACH, 2002, p. 11, grifo do autor)

No assunto de imigrações o livro didático levanta a questão que pode ser tratado como também escolhas individuais que segundo Böhm-Bawerk (1986), um dos precursores da Escola austríaca, demonstra em seu livro Teoria Positiva do Capital que as preferências temporais de escolher ir (ou não) para um país com melhores condições ou que esperar que as condições melhorem no país em que reside, essas decisões refletem na macroeconomia e podem ser consequência das condições atuais da mesma, pois para Bawerk o fator tempo é muito importante, porém o que antecede tudo é que são preferências temporais, escolhas. Depois de levantar essa possibilidade o livro já traz a possibilidade dos indivíduos agirem e, classe, por um certo materialismo histórico dialético. (Página 13)

Tratam essa questão como se ela fosse isolada, autônoma, sem ligação com as transformações econômicas e sociais que ocorrem no mundo. Essa falha explica a inadequação das políticas de controle de migrações, que em geral fracassam. Apenas a partir de 1992 é que as discussões acerca do Nafta (Tratado de Livre-comércio da América do Norte) começaram a levar em conta os efeitos da imigração, particularmente a dos mexicanos para os Estados Unidos. Em vez de encarar esse fluxo migratório somente como resulta da pobreza ou da escolha **individual** de algumas pessoas, começou-se a ver a dimensão econômica dessa questão, a importância da mão de obra imigrante na economia norte-americana. Tudo indica que é a partir de escolhas dos países desenvolvidos, que são importadores de mão-de-obra, que se constroem os laços que unem os países de emigração com os de imigração. (VESENTINI; VLACH, 2002, p. 13, grifo do autor)

Até o final do livro didático ao falar sobre as regiões do mundo, não é citado o conceito de indivíduo em nenhuma região. Em um texto complementar o autor vai falar sobre a riqueza no século XXI, com a tese que o conhecimento é a nova base para a riqueza. E tem como três participantes o Estado, as empresas e os indivíduos, falando que o indivíduo tem que saber se adaptar a um mundo que muda muito rápido (tal qual uma tese pós-modernista). Porém com outra interpretação dá para chegar a uma conclusão que as empresas, são formadas por indivíduos. Então a base e o fundamento a priori é o indivíduo que vai compor também o estado e por fim criará todo esse desenvolvimento. (Pág. 180)

No século XXI o desenvolvimento econômico dependerá de três participantes fundamentais: o Estado, as empresas e os **indivíduos**. Os Estados nacionais têm de qualificar seus trabalhadores, tornando-os tão bem educados e qualificados quanto qualquer outro no mundo. Eles devem também providenciar uma infra-estrutura de classe mundial: aeroportos, portos e transportes em geral, telecomunicações. As empresas irão participar desse processo com base nos investimentos que fizerem, nas suas perícias técnicas e na sua capacidade de comprar globalmente e vender novos produtos. Novas empresas que cresçam depressa e se transformem em multinacionais serão uma parte importante desse processo. E os **indivíduos** vão participar com base na sua educação e em suas qualificações – e também na sua disposição para mudar, para criar coisas novas, para se adaptar a esse período de rápidas mudanças. (VESENTINI; VLACH, 2002, p. 180, grifo do autor)

Quando citado o conceito indivíduo nesse contexto, o autor faz menção a representação do homem fazendo algo na sociedade como parte da cadeia produtiva, diferentemente de outras ocasiões que o indivíduo é citado como algo biológico ou uma representação numérica do homem. Outro ponto a ser observado é quando é falado que os Estados têm que qualificar seus trabalhadores, ênfase na palavra “seus”, isso demonstra uma mentalidade coletivista, e que distancia o trabalhador de ser um indivíduo, e sim uma parcela a ser guiada pelo estado, ou coletivo.

7- CONSIDERAÇÕES FINAIS

No debate sobre indivíduo, vimos um certo antagonismo entre a escola marxista com as demais. No Marxismo o coletivo é primordial, tanto que nos livros didáticos consignados de tal pensamento pouco se fala do indivíduo, fale ressaltar que o conhecimento sobre esse conceito pode ter mais ênfase, na filosofia, porém avalei o livro do ensino fundamental II, e durante esses anos os alunos não tem a disciplina filosofia, portanto uma perspectiva introspectiva é importante na sala de aula e nos conceitos, que podem ser aplicados na geografia nos conteúdos que o professor vai ensinar, e essa visão não ficaria restrita a chamada geografia humana, pode-se aplicar por exemplo na cartografia, por meio de cartas mentais e exercícios que vão ajudar os alunos a ter cada vez mais autonomia pra saber onde estão dentro do espaço.

Apesar de ficar mais parente a disparidade do marxismo com as demais escolas analisadas, isso não significa que a escola anarquista e austríaca não se diferem, a anarquista vai tratar o indivíduo como membro de algo maior e importante, mas não subordinado ao Estado ou ao coletivo como na marxista, já a escola austríaca parte de uma visão mais radical, posto que o princípio é o indivíduo que está até mesmo em sua metodologia.

Nas mais de 850 páginas dos livros didáticos apresentados, a palavra indivíduo/individual/individualismo aparece apenas 13 vezes, e predominantemente num caráter materialista ou biológico, poucas vezes apresentando um ser que age, faz e pensa, e sem sequer uma discussão do que seria esse conceito, por tanto o indivíduo que está estudando através desse material, não tem uma perspectiva dentro dos assuntos. Onde está o “eu” na geografia crítica? E em tempos onde se questiona a “autoridade” do professor na sala de aula, nada que um revisionismo não possa ajudar, pois por mais que o a escola crítica, venha como algo novo nos anos 70, na sala de aula se fosse para o professor representar algo em sua filosofia, certamente ele seria o burguês e os alunos seus proletários, não que essa seja a intenção dos professores, mas é a lógica do sistema hierarquizado do Estado.

REFERÊNCIAS

- BAKUNIN, Mikhail. **Deus e o Estado**, Domínio público, A tradução para o português é de Plínio Augusto Coelho.
- BASTIAT, Frédéric. **A lei**, São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010
- BECK, Glenn. **A janela de Overton**. Ed. Novo Conceito; 2010
- BÖHM-BAWERK, Eugen von. **Teoria positiva do capital**; São Paulo: Nova Cultural. Tradução: Luiz João Baraúna. 1986
- CORREIA, Marcos Antonio; **Doutrinação**: A influência do pensamento gramsciano na geografia crítica escolar brasileira. Curitiba. 2015.
- DE SOTO, Jesus Huerta. **A Escola Austríaca**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.
- GOLDMAN Emma. **O indivíduo na sociedade**, CNT de Compostela em Janeiro de 2010.
- HAYEK, F.A. **O caminho da servidão**. – São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.
- HARVEY, David. **A justiça social e a cidade**, São Paulo: Hucitec, 1980.
- HOBBS, Thomas. **Leviatã**. 3º Ed. São Paulo: Ícone 2014.
- KEYNES, John Maynard. **A teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. São Paulo: Nova Cultural. 1988.
- LACOSTE, Yves. **A geografia: isso serve em primeiro lugar para fazer uma guerra**, 13. ed. Campinas: Papirus. 2007.
- LOCKE, John. **Segundo Tratado sobre Governo Civil**. São Paulo: EDIPRO, 2014.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Col: Os pensadores. Tradução: Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger 2. ed. São Paulo: Abril Cultural. 1983.

MARX, Karl; **O Capital**: crítica da economia política, 9ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

MARX, Karl; **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo. 2007. Traduzida diretamente do alemão para o português por Rubens Enderle, Nélcio Schneider e Luciano Martorano.

MISES, Ludwig von; **Ação Humana** – São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

MOREIRA, Ruy; **O que é geografia**. 14ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PIRES, Sandra Regina de Abreu. **Marx e o indivíduo**. PUC-SP.

POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. Editora Cultrix, 2004.

PROUDHON, Pierre-Joseph. **O que é a propriedade?** Lisboa: editorial Estampa, 1975, 2ª ed. Tradução de Marília Caeiro.

QUAINI Massimo. **Marxismo e geografia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002.

RAND, Ayn. **Cântico**. Campinas, SP. Vide Editorial, 2015.

RECLUS, Élisée. **Do Sentimento da Natureza nas Sociedades Modernas**. São Paulo: Expressão e Arte: Editora Imaginário, 2010.

ROTHBARD, Murray N. **A Ética da Liberdade**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

ROTHBARD, Murray N; **Anatomia do Estado**. 1ª ed. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises. Brasil, 2012. <http://rothbardbrasil.com/wp-content/uploads/2015/10/A-anatomia-do-estado.pdf>

ROTHBARD, Murray N. **Por uma nova liberdade: O manifesto libertário**, 1ª ed. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises. Brasil, 2013. Tradução de Rafael de Sales Azevedo.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 6. ed. São Paulo: EDUSP. 2004

SILVA, Nícolas Araujo da. **Da Geografia a Ciência Geográfica**: as contribuições de Thomas S. Kuhn para História do Pensamento Geográfico. 2017. 53 páginas.

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**. Volume I, Nova Cultural, 1988.

SPOONER, Lysander. **Vícios não são crimes**, São Paulo: Aquariana, 2003. Tradução Miguel Serras Pereira.

STIRNER, Max. **O único e a sua Propriedade**. Lisboa: Refractários. 2004. Tradução: João Barrento.

TOLSTÓI, Liev. **O Reino de Deus está dentro de vós**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1994. Tradução: Celina Portocarrero.

VESENTINI, José William; **Ensaio de geografia crítica**: história, epistemologia e (geo)política / - São Paulo: Plêiade, 2009.

VESENTINI, J. William; VLACH, J. William Vesentini e Vânia. **Geografia Crítica**: O espaço natural e a ação humana. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002. (5ª).

VESENTINI, J. William; VLACH, J. William Vesentini e Vânia. **Geografia Crítica** o espaço social e o espaço brasileiro. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002. (6ª).

VESENTINI, J. William; VLACH, J. William Vesentini e Vânia. **Geografia Crítica**: Geografia do mundo subdesenvolvido. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002. (7ª).

VESENTINI, J. William; VLACH, J. William Vesentini e Vânia. **Geografia Crítica**: Geografia do mundo industrializado. a. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002. (8ª).

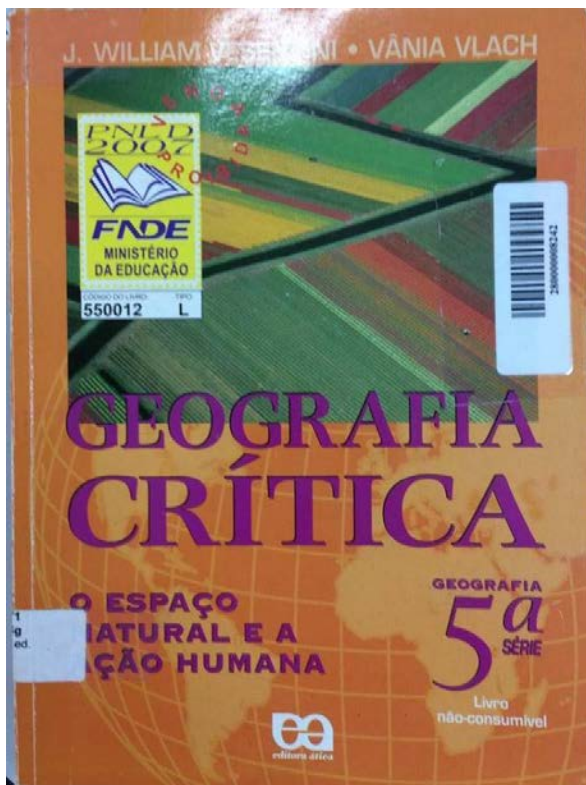
ANEXO

Anexo 1 - Capítulo 1 – A descoberta do espaço e do tempo. Tópicos – Tempo e espaço: dois elementos abstratos – Medindo o tempo e o espaço – O tempo da natureza e o tempo do ser humano – Os diferentes tipos de espaço. **Capítulo 2** – A sociedade moderna e o espaço. Tópicos – O espaço de vivência do ser humano – As diferenças sociais e os diferentes espaços de vivência – Outras formas viver e ocupar o espaço. **Capítulo 3** – A Terra, um astro do universo. Tópicos – O que é o universo? – A origem do universo – O sistema solar. **Capítulo 4** – Orientando-se na Terra. Tópicos – Duas noções de espaço: em cima e embaixo – Os polos e os hemisférios – A rosa dos ventos - Como encontrar os pontos de orientação? – As coordenadas geográficas – As zonas térmicas – Os fusos horários. **Capítulo 5** – As várias maneiras de representar o espaço. Tópicos – O que é um mapa? – As convenções cartográficas e a legenda – Escalas – Os diferentes tipos de mapa – Planta e globos – Como interpretar um mapa? **Capítulo 6** - Cartografia: a arte de fazer mapas. Tópicos – Os Primeiros mapas – Os mapas atuais - As projeções cartográficas – Os gráficos. **Capítulo 7** – A superfície terrestre. Tópico – Uma área de contato das diferentes camadas da terra – Planeta Terra ou planeta Água? – A biosfera e a superfície terrestre – O ser humano na superfície terrestre – A sociedade moderna e a natureza – Tomando o Brasil como exemplo. **Capítulo 8** – Litosfera (I): as rochas e as placas tectônicas. Tópicos – De que é formada a litosfera? – O que existe embaixo da litosfera? – O tempo geológico – As placas tectônicas – Os três grandes grupos de rochas – O ciclo das rochas. **Capítulo 9** – Litosfera (II): o relevo terrestre. Tópicos – Relevo, as formas da superfície terrestre – Como se forma o relevo e porque ele muda com o tempo? – Os agentes internos e o relevo – os agente externos e o relevo. **Capítulo 10** – Atmosfera (I): a camada gasosa da superfície terrestre. Tópicos – As camadas da atmosfera – Tempo e clima – Os fenômenos atmosféricos. **Capítulo 11** – Atmosfera (II): massas de ar e climas. Tópicos – As massas de ar – As estações do ano – Os principais tipos de clima no mundo – Os climas do Brasil - As previsões meteorológicas – O ser humano e a atmosfera – Os microclimas. **Capítulo 12** – Hidrosfera (I): a camada líquida da Terra. Tópicos – A água é essencial para a vida – O ciclo da água – O relevo submarino – Oceanos e mares. **Capítulo 13** – Hidrosfera (II): as águas continentais. Tópicos – Os rios – Os lagos – As águas subterrâneas – A hidrografia do Brasil. **Capítulo 14** - Biosfera (I): a esfera da vida do planeta Terra. Tópicos – Por que esfera da vida? –

A biosfera e as relações de interdependência - o que são ecossistemas? **Capítulo 15** – Biosfera (II): os grandes ecossistemas da superfície terrestre. Tópicos – A vegetação é uma síntese da paisagem natural – Floresta Amazônica: um exemplo de bioma ou de floresta tropical. **Capítulo 16** – A Terra, planeta vivo. Tópicos – A biosfera é um gigantesco organismo – O ser humano e a biosfera – O acúmulo de gás carbônico na atmosfera – O buraco na camada de ozônio – O armamentismo – As relações ser humano-natureza.

Abaixo está a fotografia da capa do livro utilizado na pesquisa.

Fotografia 1 – Capa do livro Geografia Crítica: 5ª série



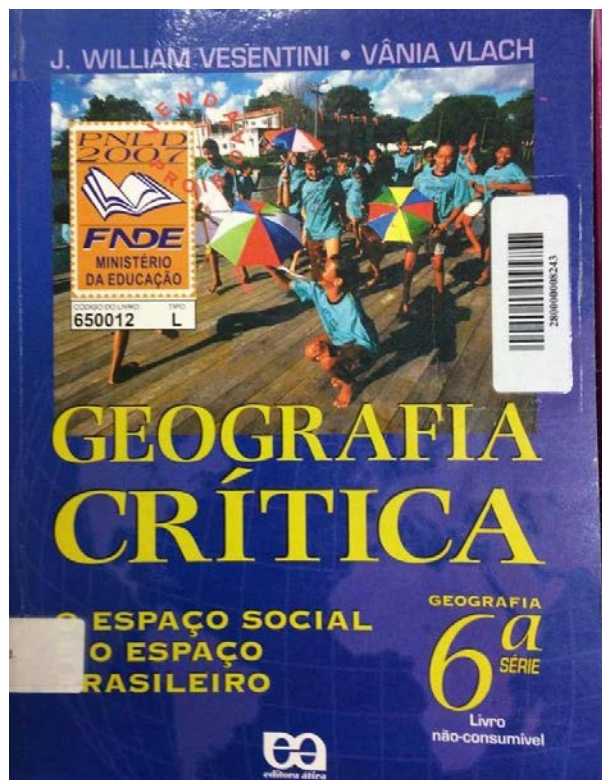
Fonte: elaborado pelo autor.

Anexo 2 - Capítulo 1 – O espaço geográfico. Tópicos – A atividade humana constrói o espaço geográfico – O tempo e as diferenças sociais – A tecnologia e as alterações na natureza – Os grupos humanos que pouco modificam a natureza - A permanente transformação do espaço na sociedade moderna. **Capítulo 2** – Sociedade moderna e Estado. Tópicos – Sociedade, povo, nação e país: quatro conceitos distintos – A sociedade moderna ou industrial – O Estado e suas funções – Qual a origem do Estado? – O Estado e o espaço geográfico.

Capítulo 3 – Sociedade moderna e economia. Tópicos – O que é economia – Atividades econômicas pré-industriais – O desenvolvimento do setor terciário – Economia de mercado e economia planificada – Desenvolvimento e subdesenvolvimento – Primeiro e Terceiro Mundo – o Norte e o Sul – A economia brasileira. **Capítulo 4** – A atividade industrial. Tópicos - Do artesanato à indústria moderna – Classificação da indústria moderna – As fontes de energia – As diversas formas e etapas da industrialização - A atividade industrial nos países subdesenvolvidos – A situação atual nos países que adotavam economia planificada – A atividade industrial no Brasil. **Capítulo 5** – O espaço urbano. Tópicos – A divisão do trabalho entre o campo e a cidade – Urbanização e industrialização – O sítio urbano, a situação e as funções das cidades – O centro e a expansão da cidade - A rede urbana – As megalópoles – A urbanização no Brasil. **Capítulo 6** - O espaço rural. Tópicos – A indústria moderna e as transformações do setor primário – Atividade rural e fome no Sul – A agropecuária nos países subdesenvolvidos - A agropecuária nos países desenvolvidos – A agropecuária nos demais países – A atividade rural no Brasil. **Capítulo 7** – Comércio, transportes e comunicações. Tópicos – A indústria moderna e o desenvolvimento do setor terciário – As relações comerciais internacionais – Os transportes intercontinentais – O transporte ferroviário – As hidrovias – O transporte rodoviário – As comunicações – Comércio externo e transportes no Brasil. **Capítulo 8** – População. Tópico – O que é população – O crescimento da população mundial – População jovem e população idosa – “Explosão” ou transição demográfica? - Os movimentos populacionais – A população brasileira. **Capítulo 9** – O Brasil e suas regiões. Tópicos – Brasil: um país de contrastes – A formação histórico-econômica do Brasil – A divisão oficial do IBGE – A divisão do Brasil em três regiões geoeconômicas. **Capítulo 10** – O Nordeste. Tópicos - Características gerais – A zona da mata – O Sertão – O Agreste – O Meio-Norte. **Capítulo 11** – O Centro Sul. Tópicos – Uma região rica e diversificada – As diversidades fisiográficas – As diversidades na ocupação humana. **Capítulo 12** – A Amazônia. Tópicos – A maior região brasileira – Como é a Amazônia? – A Amazônia de ontem e de hoje – Os principais problemas da Amazônia atual.

Abaixo está a fotografia da capa do livro utilizado na pesquisa.

Fotografia 2 – Capa do livro Geografia Crítica: 6ª série



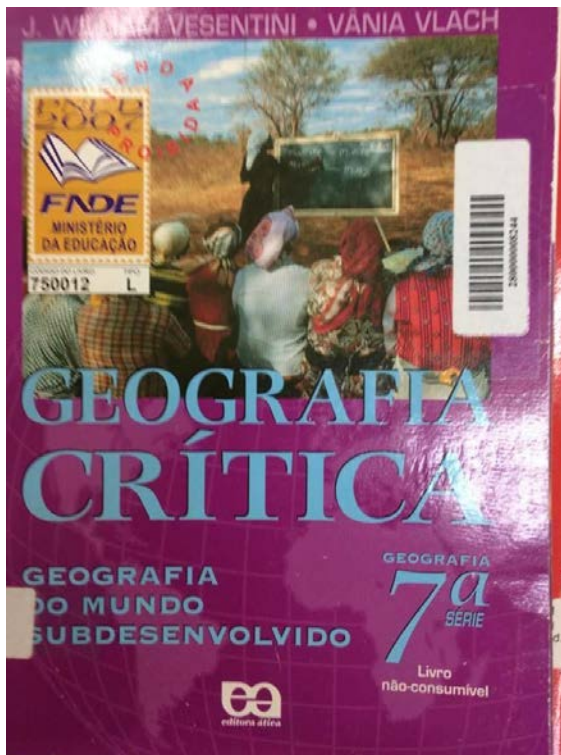
Fonte: elaborado pelo autor.

Anexo 3 - Unidade 1 - Como regionalizar o espaço mundial. **Capítulos 1** - O mundo atua: unidade e diversidade. Tópicos – Como estudar o mundo em que vivemos? - O que significa país ou nação? - Qual será o futuro dos países? - O nosso mundo é um só - As diferenças internacionais são muito grandes - O mundo atual é visto várias maneiras. **Capítulo 2** – Os continentes e as paisagens naturais. Tópicos – Os continentes – Qual é a origem dos continentes? – As paisagens naturais. **Capítulo 3** – As diferenças econômicas e culturais. Tópicos – Países ricos e países pobres – Um mundo dividido em blocos? – As diferentes culturas ou civilizações. **Capítulo 4** – Nosso ponto de partida: os países do Sul. Tópicos – A relatividade dos critérios de classificação – Os critérios de classificação baseados na sociedade – Nosso plano de estudo – O que significam expressões Sul, Terceiro Mundo e subdesenvolvimento – Qual a origem do subdesenvolvimento? – o “terceiro-mundismo” – As diferenças entre os países do Sul – As perspectivas para o futuro. **Unidade II** – A América Latina. **Capítulo 5** – A América Latina em conjunto. Tópicos – O que é a América Latina? – A formação histórica – A situação atual do subdesenvolvimento e dependência – O autoritarismo

político – As grandes diferenças entre os países latino-americanos – Será possível uma América Latina unida? **Capítulo 6** – O México. Tópicos – Características gerais - Os inconvenientes de ter um poderoso vizinho ao norte – A população e as cidades – A riqueza histórico-cultural e o turismo – A economia e a dívida externa – As lutas camponesas e a reforma agrária – O fim do monopólio de um partido político – O Nafta: uma mudança nas relações entre México e Estados Unidos? – Chiapas: a região mais pobre do México. **Capítulo 7** – A América Central. Tópicos – Características gerais – A América Central continental – A América Central insular. **Capítulo 8** – América Andina e as Guianas. Tópicos - As aspectos gerais da América do Sul – Aspectos gerais da América Andina – As Guianas. **Capítulo 9** - A América Platina. Tópicos – Aspectos gerais dos países platinos – O Uruguai – A Argentina – O Paraguai. **Capítulo 10** – O Brasil. Tópicos – Características gerais – A crise do “modelo brasileiro” – O Brasil e a América do Sul – O Brasil e o Mercosul. **Unidade 3** - A África. **Capítulo 11** – A África em conjunto. Tópicos – Aspectos gerais do continente africano – Colonização e a descolonização – As consequências da colonização – Os aspectos fisiocráticos e a população – Aspectos geopolíticos principais focos de tensão do continente africano. **Capítulo 12** – África: os conjuntos regionais. Tópicos – Quais são os conjunto regionais africanos? – A África Branca ou setentrional – A África Negra ou subsaariana. **Unidade 4** – A Ásia. **Capítulo 13** – O Oriente Médio. Tópicos – Aspectos gerais do continente asiático – Oriente Médio: Características gerais – Turquia e Chipre – Afeganistão – Israel – Autoridade Palestina: o povo procura se organizar como Estado-nação – Os países árabes. **Capítulo 14** – O sul da Ásia ou “Subcontinente indiano”. Tópicos – Aspectos gerais do sul da Ásia – A fragmentação do Império Britânico no sul da Ásia – A população e as diversidades étnicas – A economia – O papel da religião – A Índia – Conflitos étnicos-territoriais no Paquistão e no Sri Lanka. **Capítulo 15** – O sudeste e o leste da Ásia. Tópicos – Aspectos gerais – economia e população - O Vietnã: uma descolonização conflituosa – Alguns problemas geopolíticos. **Capítulo 16** – O dragão e os “tigres asiáticos”. Tópicos – Introdução – China – Os tigres asiáticos.

Abaixo está a fotografia da capa do livro utilizado na pesquisa

Fotografia 3 – Capa do livro Geografia Crítica: 7ª série



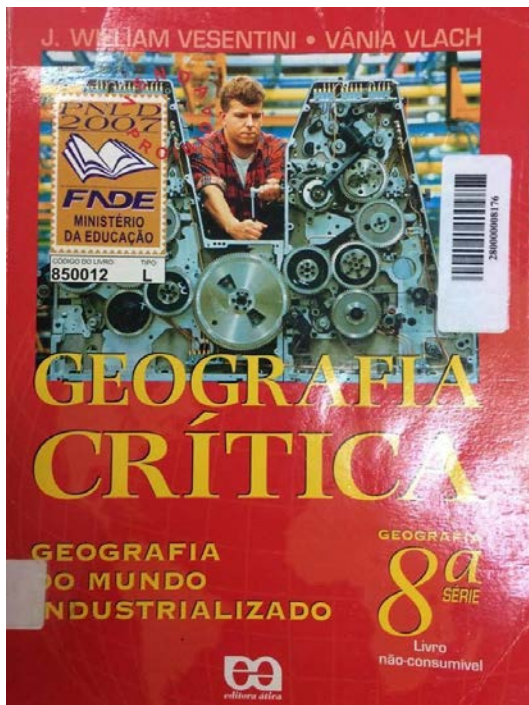
Fonte: elaborado pelo autor.

Anexo 4 - Capítulo 1 – O que são e quais são os países do Norte? Tópicos – O Norte e o Sul – Os países do Norte. **Capítulo 2** – Europa: uma visão de conjunto. Tópicos – O continente europeu – Aspectos físicos do continente europeu – Como dividir a Europa? **Capítulo 3** – Europa ocidental (I): aspectos gerais. Tópicos – Introdução – O imperialismo da Europa ocidental – A Europa ocidental diante da hegemonia dos Estados Unidos – A urbanização e a população da Europa ocidental. **Capítulo 4** – Europa ocidental (II): aspectos regionais. Tópicos – As diferenças regionais – Países europeus ocidentais altamente industrializados - Países europeus ocidentais de menor industrialização - Países europeus ocidentais de fraca industrialização – Os miniestados europeus. **Capítulo 5** – Europa oriental (I): o Leste europeu atual. Tópicos – Introdução – As diferenças regionais – As três nações bálticas – Polônia e Hungria – República Tcheca e Eslováquia – Romênia e Bulgária – Albânia, um país predominantemente agroindustrial. **Capítulo 6** – Europa oriental (II): a antiga Iugoslávia e os novos países. Tópicos – Um breve histórico – A desintegração da Iugoslávia – A atual Iugoslávia – Eslovênia – Croácia – Macedônia – Bósnia-Herzegovina – Kosovo: último episódio dessa guerra étnica? **Capítulo 7** – Comunidade de Estados Independentes (I): aspectos gerais.

Tópicos – Introdução – A CEI – Aspectos físicos – A construção do império Russo – Do Império Russo à União Soviética – Da União Soviética à CEI. **Capítulo 8** – Comunidade de Estados independentes (II): aspectos regionais. Tópicos – Introdução - Federação Russa – A CEI na Europa oriental – A CEI na Transcaucásia – A CEI na Ásia central. **Capítulo 9** – Estados Unidos e Canadá. Tópicos - Dois países e uma só economia – Estado Unidos: das treze colônias inglesas à federação – A formação do Canadá – Estados Unidos: economia de potência mundial - A economia canadense e sua relação com os Estados Unidos – O espaço industrial-urbano do Canadá – Estados Unidos: a questão da minoria indígena - A questão dos povos autóctones no Canadá – O Acordo de Livre Comércio da América do Norte. **Capítulo 10** – Japão. Tópico – Visão geral – A civilização da rizicultura - O extraordinário desenvolvimento industrial do Japão – O espaço industrial-urbano do Japão – Um impasse atual – O esgotamento do “modelo japonês”. **Capítulo 11** – Oceania: Austrália e Nova Zelândia. Tópicos – Aspectos gerais da Oceania – Austrália, o gigante da Oceania – Nova Zelândia, um Estado onde a democracia surgiu precocemente. **Capítulo 12** – Perspectivas para o século XXI. Tópicos – Introdução – A nova ordem mundial – Quem terá hegemonia no século XXI? - As áreas periféricas.

Abaixo está a fotografia da capa do livro utilizado na pesquisa

Fotografia 4 – Capa do livro Geografia Crítica: 8ª série



Fonte: elaborado pelo autor.